

POR UMA RETÓRICA DA ENCADERNAÇÃO - O CASO DA ENCADERNAÇÃO JANSENISTA

Mannuella Luz de Oliveira Valinhas

mannuellaluz@yahoo.com.br

Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio, professora do Departamento de Museologia da UFOP

Vicente de Souza Cardoso Júnior

vicentecardoso@gmail.com

Bacharel em Comunicação Social pela UFMG, estudante de licenciatura em Letras (Latim/Português) pela UFMG

RESUMO

Em inícios do século XVII, uma questão se coloca de maneira nova para o universo das monarquias europeias: trata-se da questão sobre como se educar a aristocracia. A configuração cortesã se define pelos valores da *honneteté*, valor que, na doutrina de Port Royal, surgida como anti-jesuitismo e anti-retórica escolástica, pende para a clareza de espírito, ausência de afetação, racionalismo e cultivo do espírito - mais ligado a uma tentativa de aproximação das verdades divinas e não à busca de uma cultura letrada meramente ilustrativa. O jansenismo é a reação contra a ostentação degenerada em futilidade. Considerando que as práticas culturais são atravessadas pelas questões do seu tempo, certamente a encadernação irá refletir à sua maneira essas questões. Adequação e contenção são os conceitos norteadores para o século XVII. Neste trabalho fazemos uso da ideia de retoricidade (John Bender e David Wellbery) como ferramenta para a compreensão dos processos de encadernação entendidos como práticas culturais.

Palavras-chave: encadernação; retórica e retoricidade; jansenismo.

ABSTRACT

At the beginning of the 17th century, European monarchies face a new issue related to how to educate the aristocracy. The Court's configuration is guided by the values of *honneteté*. In the Port Royal doctrine or jansenism - which emerges as anti-Jesuitism and anti-scholastic rhetoric - some aspects are emphasized, such as: clarity of mind, lack of affectation, rationalism, and cultivation of the spirit - this last one regarding more the attempt to reach divine truths, and not the search for a literate culture with merely illustrative goals. Considering that cultural practices are influenced by the issues of their era, bookbinding will certainly reflects those questions in its own way. Adequacy and restraint are the guiding concepts for the 17th century. In this work, the concept of rhetoricity from John Bender and David Wellbery is used to understand bookbinding processes as cultural practices.

Key-words: bookbinding; rhetoric and rhetoricality; jansenism.

Introdução

Em inícios do século XVII, uma questão se coloca de maneira nova para o universo das monarquias europeias: trata-se da questão sobre como se educar a aristocracia. O surgimento dessa questão se deve, sobretudo, à queda das funções militares da nobreza¹, e a transferência cada vez mais incisiva, dos valores da nobreza militar para a nobreza de robe. Assim, a configuração cortesã se define então pelos valores da *honnêteté*: uma das formas de caracterizar e distinguir século XVII culturalmente pela emergência de um universo sócio cultural designado pelo ideal de *honnêtes gens*.

As modalidades de atores político-sociais das cortes, como os dois já citados, não precisam, necessariamente, suceder-se temporalmente: antes, essas duas modalidades de aristocracia se entrecruzam nesse tempo histórico específico: havia, por exemplo, os herdeiros do ideal de ‘homem de espada’, que valorizavam o conhecimento da história como inteligência da ação política; havia, ainda, aqueles que tiveram uma educação política tributária da Fronda (como La Rochefocauld), e uma educação estética preciosista e classicista; por fim, surge dentre esse meio uma geração que começa a preocupar-se com a montagem de uma biblioteca, tanto com o conteúdo como com sua forma, e a tendência foi organizar a biblioteca de acordo com as formas da conversação.

O corolário do modelo de aprimoramento do espírito voltado para a sociabilidade e a conversação elevada acaba por identificar os ideais da *honnêteté* aos ideais cortesãos de um modo geral. Sob o manto do universo moral e cultural dos *honnêtes gens*, acaba por ser estabelecida uma hierarquia de conhecimento; conhecimento esse que agora adquire a necessidade de se afirmar como útil para a conversação e para a política das cortes. Assim, o conhecimento dos saberes filosóficos da antiguidade é trocado pelos saberes do mundo histórico, o conhecimento dos feitos humanos no tempo. Assim, o universo das letras é capaz de fazer remissão ao mundo da ação e não ao saber filosófico contemplativo e metafísico.

A maneira de ser no mundo própria desse círculo de pessoas é o cultivo do espírito vivo e ativo, as considerações sobre as causas das ações humanas bem como das consequências dessas ações no mundo social. Os moralistas serão os principais investigadores daquilo que rege a ação humana, por isso a profusão de livros desse teor: La Rochefocauld, La Bruyere, Vauvernages são exemplos de aristocratas que se dedicam a pensar e estabelecer os bons modos de comportamento e as virtudes e vícios sociais.

A consideração de Auerbach sobre a formação do tipo de comunidade específica que se estabeleceu no século XVII, diferencia dois universos que se entrecruzam e finalmente configuram um tipo de universo cultural: *la cour et la ville*. Ambos compartilham da *honnêteté* como visão de mundo: ao longo do século, o definidor daquilo que é desejável é a noção de *honnêteté*, sendo que “qualquer um pode ser um *honnête homme*” (AUERBACH, 2002, pág 732). Entretanto, sinaliza Auerbach: as forças culturais que mais influenciavam na maneira de ser no mundo emanavam daquilo que ele considera “*la ville*”: a grande burguesia pensante, cujos mais expressivos representantes eram Pascal, Port Royal e Corneille – nenhum desses eram originários da

¹ Segundo AUERBACH (2002), até início do século XVII a nobreza era avessa à educação: os nobres deveriam se esmerar no uso das armas e nas capacidades militares.

aristocracia, mas da *grand bourgeoisie*.

Assim, tanto a aristocracia quanto a alta burguesia aspiram ao ideal de homem universal, hostil às ocupações específicas e que nutre desprezo pelas atividades práticas e pela vida profissional, de modo que tornam-se cada vez mais homogêneas em função de interesses e função parasitária comuns.

Os livros tornam-se marcas de distinção social, um produto de uma cultura letrada, mas diferente de uma comunidade de sábios: tensão entre os sábios e os leitores (entre o “estudo” e a “conversação”). Não é a toa que em “*La rhétorique de l’honnête homme*” (CATALO, 1699), há um capítulo inteiro dedicado a estabelecer quais os livros devem ser escolhidos para a montagem da biblioteca do *honnête homme*, estabelecendo um conteúdo mínimo que deveria figurar nessa biblioteca.

A partir de tal ideal de biblioteca, a qualidade exterior das boas encadernações responde à virtude interna da “melhor edição”. Além disso, a encadernação uniforme responde a um desejo característico da comunidade letrada para as bibliotecas do séc. XVII: o princípio geral da uniformidade deveria ser acompanhado de duas grandes funções: exprimir o luxo da coleção e minimizar os elementos *puramente* ornamentais:

Par exemple, quoi de plus beau que ces reliures simples, de bon goût, exécutées par les Derome père et fils pour les bibliothèques de Mesdames de France, filles de Louis XV, qui, chacune, avaient adopté une couleur pour le maroquin destiné aux livres de leur bibliothèque particulière. Mme Adélaïde avait adopté le maroquin rouge; Mme Sophie, le maroquin citron, et Mme Victoire, le maroquin vert ou olive. (ROUYEYRE, 1879, p. 79).

Se os interesses e a situação comum uniam *la cour e la ville*, podemos estabelecer, entretanto, que o espectro social dos sujeitos era diversificado, indo, de uma ponta àqueles cujo interesse recaía na mera ilustração do espírito para entreter as conversações cortesãs até aqueles que, em extremo oposto, pretendiam conhecer, por meio dos estudos e da observação, as atitudes humanas como possibilidade real de elevação do espírito. A racionalização do gesto e o cultivo do espírito, a contenção dos humores, o domínio das paixões eram as bases comuns à sociedade de corte do século XVII.

Assim, observamos tanto pontos de união quanto de separação dos *honnetes gens* na sua configuração real: pendor para o luxo e o pendor para a extrema sobriedade, cujo exemplo é o jansenismo.

Jansenismo ou o exemplo de uma doutrina de contenção

“Il pourrait encore signaler la reliure janséniste qui refuse tout ornement aux livres, dans un esprit ascétique.”
DEROME

A doutrina de Port Royal, surgida como anti-jesuitismo e anti-retórica escolástica (vista como a característica mais perniciosa dos jesuítas), prima pela clareza de espírito, ausência de afetação, racionalismo e, como não podia deixar de ser para um movimento do século XVII, pelo cultivo do espírito. Tal cultivo, entretanto, aparece mais ligado a uma tentativa de aproximação das verdades divinas e não à busca de uma cultura letrada meramente ilustrativa. O jansenismo é a reação contra a ostentação degenerada em futilidade.

Port Royal, centro do movimento em seu período mais vigoroso, se insere no conjunto de fatores elencados por John Bender e David Wellbery (1998) como “determinantes do declínio da retórica num feixe de transformações sociais e culturais que ocorreram, grosso modo, entre os séculos XVII e XIX” (BENDER e WELLBERY, 1998, p. 12). Nas ciências, na filosofia, na religião e no direito, bem como nas ciências políticas, historiografia e psicologia, desenvolve-se um modelo comunicativo em que neutralidade e transparência são valorizadas em detrimento dos preceitos da retórica clássica.

Essa tendência geral está no cerne do movimento jansenista e colabora para o surgimento da “primeira importante teoria da linguagem anti-retórica, a *Lógica de Port-Royal* de Arnaud e Nicole” (BENDER e WELLBERY, 1998, p. 20). Wellbery também destaca, nesse processo, a instituição da imprensa - “sem a qual o Iluminismo é impensável” (BENDER e WELLBERY, 1998, p. 21) - por esta diminuir, até minar, a importância da retórica na transmissão de conhecimentos. Conforme evolui, a cultura impressa se liberta das situações de troca oratória em dois níveis: primeiro, esta não é uma condição indispensável *per se* nas formas escritas de modo geral; segundo, sua simulação no texto escrito, estratégia da retórica clássica, também se torna cada vez mais dispensável: “A retórica afundou num mar de tinta” (BENDER e WELLBERY, 1998, p. 22)

Diante disso, a encadernação das obras dos jansenistas devia pautar-se pela adequação em relação àquilo que seus autores defendiam, como demonstra

Une reliure ne peut être considérée comme un objet d'art que si elle a été décorée d'une composition savante ou ingénieuse exécutée par une main habile, et la reliure dite janséniste la mieux comprise, la mieux faite, fût-elle signée Du relieur le plus célèbre, est seulement œuvre de bon ouvrier. *La première des qualités de la décoration d'un livre est d'être appropriée à la nature et au sujet même de l'ouvrage.* (...)

Du nom de ceux qui en eurent les premiers l'idée; un maroquin noir ou très foncé, pas de dorure sauf La tranche, tout au plus un filet mat, tels en sont les caractères distinctifs. — C'est l'habillement obligé des œuvres de Pascal, d'Arnaud, de la traduction du Nouveau Testament de Le Maistre de Sacy, bref des illustres solitaires qui ont immortalisé le nom de Port-Royal. (CARTIER, p. 188, grifos nossos)

A encadernação adequada ao modo jansenista

Considerando que as práticas culturais são atravessadas pelas questões do seu tempo, certamente a encadernação irá refletir a sua maneira essas questões. Sobretudo ao tratarmos de uma cultura livresca e que atribui ao livro uma plasticidade na formação cultural, a importância dos modos de apresentação e daquilo que move a opção dos encadernadores iluminarão facetas sociais importantes. A adequação e a contenção são os conceitos chave que mobilizam o século XVII; assim, as práticas culturais que configurarão materialmente esse universo serão pautadas por esses dois conceitos.

Adequadamente aos princípios que configuram a doutrina de Port Royal, a encadernação jansenista preza pela ausência de decoração externa; escolha rigorosa dos materiais (maroquin de alta qualidade); nervuras do dorso; a riqueza da parte interna do volume: forros de maroquin, guardas de seda, bordas internas decoradas. Essa decoração interna, entretanto, apresenta também um caráter sóbrio e austero.

Vers la fin du XVII siècle, au moment où éclosent les chefs- d'oeuvre de nos illustres classiques, la reliure redevient simple et peu ornée. On comprenait sans doute que ces oeuvres grandioses ou sublimes n'avaient besoin d'aucun vêtement chamarré pour les faire paraître, et d'ailleurs l'impression elle-même en était peu soignée. Jamais ouvrages ne furent présentés au public d'une façon plus austère que les chefs-d'oeuvre de Corneille, Molière, Racine, Pascal, La Fontaine, Boileau, La Rochefoucauld, Bossuet, La Bruyère, etc.. Jamais volumes ne furent reliés aussi modeste ment; ce qui ne veut pas dire que les reliures fussent mauvaises ou même médiocres. (JULES LE PETIT, pág 167)

O que é colocado em xeque a partir da divisão entre “cortesãos” e “jansenistas” é também a compreensão da própria existência e seu sentido: ao lado um uma visão grave e circunspecta do homem no mundo, coloca-se uma visão mais lúdica que tende para os excessos, e esse movimento pode ser percebido nas práticas de encadernação dos livros.



Imagem 1: réplica de *Oraison funèbre*, de Bossuet, com encadernação de tipo jansenista.



Imagens 2, 3 e 4: visualização externa *Oraison funèbre*, réplica de encadernação jansenista, com capa lisa e nervuras sutis na lombada.

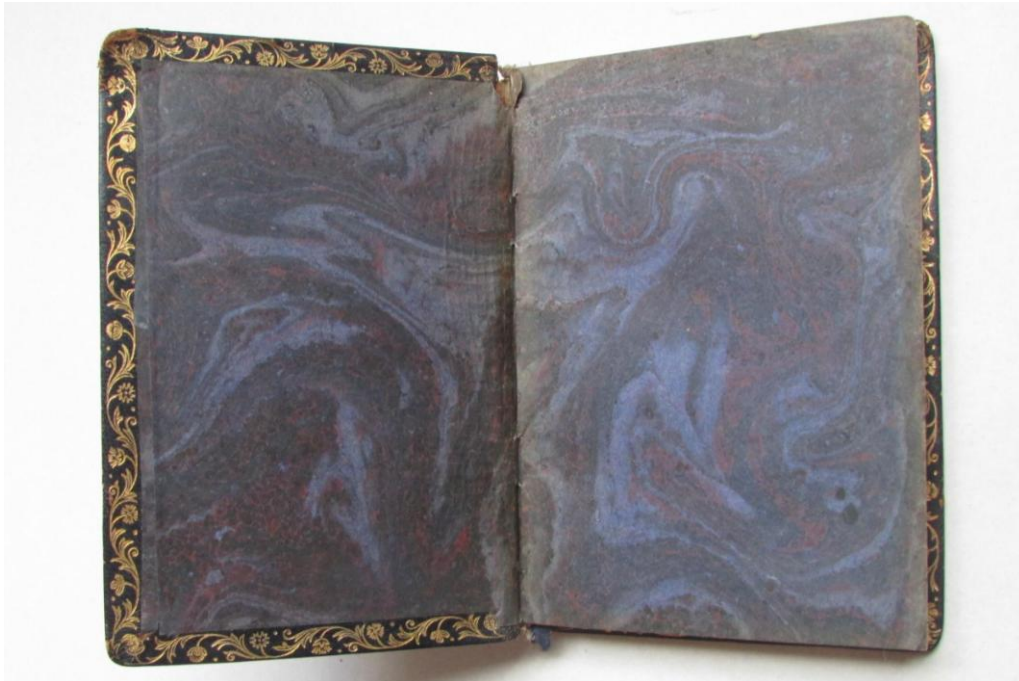


Imagem 5: Detalhe da decoração na parte de dentro da capa, em contraposição à capa lisa (Imagem 2)

Por uma retórica da encadernação

O enfraquecimento e o conseqüente fim da retórica no campo da ação discursiva entre os séculos XVII e XIX se dá, conforme Bender e Wellbery (1998), sobre cinco pilares: i) os valores de neutralidade e transparência no discurso científico; ii) os valores de autoria e expressão individual no domínio literário; iii) o discurso político liberal; iv) imprensa e alfabetização; v) Estado-nação e línguas nacionais. Quando esses mesmos pilares desmoronam, no século XX, estão dadas as condições para o ‘retorno modernista da retórica’. Retorno que se dá, no entanto, por outra conceituação de retórica:

Não estamos mais lidando com uma técnica especializada de comunicação instrumental, mas, em vez disso, com uma condição geral de experiência e ação humanas. Designamos como “retoricidade” essa nova categoria - a categoria que abre o campo da pesquisa retórica moderna. Em segundo lugar, não pode haver uma única teoria retórica contemporânea: a retoricidade não pode ser objeto de uma disciplina homogênea. O estudo retórico modernista (e pós-modernista) é irreduzivelmente multidisciplinar; não se pode estudar retórica *tout court*, mas somente retórica linguística, sociológica, psicanalítica, cognitiva, da comunicação, da mídia ou literária. (BENDER e WELLBERY, 1998, p. 43)

Para finalizar a análise proposta neste artigo, acrescentamos à lista de Wellbery uma retórica da encadernação. Porque, seguindo a leitura feita por Feyerabend do trabalho

científico de Galileu – “aí descobrindo não uma apresentação imaculada de fatos, mas uma complexa operação retórico-estratégica de persuasão”. (BENDER e WELLBERY, 1998, p. 33 e 34) – , é possível e desejável que se evidencie retoricidade justamente naquilo que se declara anti-retórico – como é o caso da encadernação de tipo jansenista.

Dois exemplos nos ajudam a demonstrar, em diferentes momentos históricos, a presença da retórica nas práticas de encadernação de forma associada a culturas vigentes. Num primeiro, em *L'Enseignement de l'histoire du livre et son utilité*, Georges Lequatre (1893) – voltando-se para profissionais que atuassem na impressão de livros, numa época de efervescência da produção editorial na França – radicaliza na compreensão do imbricamento suporte-conteúdo, ao afirmar que as reimpressões de obras a serem realizadas em contextos diferentes do original de publicação devem levar em conta o tipo de encadernação original:

On ne peut penser sérieusement qu'un imprimeur pourra entrer dans la voie des perfectionnements s'il ne sait rien de ce qui fut antérieur à son époque, et s'il croit, par ignorance historique, que les caractères de Lemerre ont été imaginés de notre temps (...) Le relieur, enfin, aura beau bien coudre ses livres, les habiller richement, pousser adroitement ses fers, ce ne sera jamais un artiste, s'il ne possède avec quelques détails l'histoire de son art; il serait ridicule de lui voir revêtir un livre romantique d'une reliure du genre de Le Gascon, ou un livre janséniste d'une reliure à la Padeloup. (LEQUATRE, 1893, p. 10 e 11)

O segundo exemplo seria o “modelo Clarkson” de encadernação, da segunda metade do século XX, que surge relacionado à cultura profissional do campo da conservação e restauração e, em vários aspectos, pode ser considerado oposto à proposição de Lequatre. O preceito é que a encadernação em pergaminho flexível, com inspiração na encadernação monástica praticada antes mesmo de Gutemberg, garanta o máximo de proteção ao bloco de texto, sem que haja uma preocupação com a perda de características da encadernação original. O modelo disseminado pelo inglês Christopher Clarkson tornou-se referência nos setores de restauração de obras raras de grandes bibliotecas em todo o mundo – caso da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, notadamente em 1987, como relata Tatiana Ribeiro Christo:

A encadernação flexível em pergaminho (*limp vellum binding*) desde então tem sido adotada nos livros danificados pela ação de insetos e desprovidos dos elementos originais de encadernação como capas, costura e cabeceados. (...) Atualmente, a encadernação flexível em pergaminho segue sendo executada em obras raras restauradas por meio de máquinas obturadoras de papel e tem sido considerada como um dos aspectos das diretrizes de preservação do acervo da Biblioteca Nacional. (CHRISTO, 2008, p. 2 e 3)

Na comunidade de restauradores, a crítica ao modelo Clarkson é que ele propõe para a encadernação o mesmo tipo de assepsia que os movimentos anti-retóricos propunham

para a linguagem. Orienta-se um padrão e desconsideram-se as questões da adequação a cada situação, como se a prática da restauração pudesse ser padronizada.

Uma retórica da encadernação, portanto, supõe a adequação entre texto e encadernação, uma ligação orgânica entre o que se diz, o modo como se diz e o meio pelo qual se diz. Partindo da constatação de que não há neutralidade no ato da encadernação, mas escolhas mediadas pela cultura, estética e historicidade, afirma-se a indissociabilidade entre conteúdo e suporte. Especialmente no século XVII, quando a atividade do impressor de livros estava longe de se limitar a um trabalho técnico, implicando sempre um projeto de formação cultural.

BIBLIOGRAFIA

AUERBACH. La cour et la ville. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da Literatura em suas fontes. Vol 2.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002. pp707 a 748.

CARTIER, Alfred (1854-1921). **De la Décoration extérieure des livres et de l'histoire de la reliure depuis le XVe siècle**, par M. Alfred Cartier. 1885/12.

COLOMIÈS, Paul (1638-1692). **La rhétorique de l'honnête homme, ou La manière de bien écrire des lettres, de faire toutes sortes de discours, de les prononcer agréablement; celle d'acquérir l'usage de la langue française, d'imiter les poètes. Et de choisir les bons auteurs pour son étude, où l'on a ajouté à la fin le Catalo.** 1699.

CHRISTO, Tatiana Ribeiro. **A adoção da encadernação flexível em pergaminho em obras raras restauradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.** 2008. Disponível em:<https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/comunicacao/adoacao-encadernacao-flexivel-pergaminho-obras-raras/xiii_congresso_internacional_da_abraco_r_comunicacao_tatianaabraco2009.pdf>. Acesso em. 07/12/2017.

DEROME, Léopold. **Les Editions originales des romantiques. [s/d] Le Cabinet de l'amateur et de l'antiquaire: revue des tableaux et des estampes anciennes, des objets d'art, d'antiquité et de curiosité.** 1842-1863.

DEVAUCHELLE, Roger. **La Reliure. Recherches historiques, techniques et biographiques sur la reliure française.** re ace par Albert Labarre. Paris, Editions Filigranes.

FONTAINE, André. **L'esthétique Janseniste.** In_ Revue de l'art ancien et moderne. 1908.

LE PETIT, Jules. **L'art d'aimer les livres et de les connaître: lettres à un jeune bibliophile.** Paris, 1884.

LEQUATRE, GEORGES. **L'enseignement de l'histoire du livre et son utilité.** Paris, 1893.

ROUYEYRE, Édouard (1849-1930). **Connaissances nécessaires à un bibliophile, par Edouard Rouveyre,... 3e édition....** 1879.

RACINET, Albert (1825-1893). **Le Costume historique, cinq cents planches, trois cents en couleurs, or et argent, deux cents en camaïeu; types principaux du vêtement et de La parure, rapprochés de ceux de l'intérieur de l'habitation dans tous les temp....** 1888.

WELLBERY, David; BENDER, John. **Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica. Neoretórica e desconstrução.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998